

A GLOBALIZAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DE UMA PEDAGOGIA EMANCIPATÓRIA-INCLUSIVA

THE GLOBALIZATION AND THE CONSTRUCTION OF AN EMANCIPATIVE-INCLUSIVE PEDAGOGY

MARQUES, Carlos Alberto – UFJF – carlos.marques@ufjf.edu.br
COELHO, Edgar Pereira – CES/UFJF – filosofiaed@terra.com.br
ROMUALDO, Anderson dos Santos – UFJF – asaromualdo@yahoo.com.br
SILVA, Camila Josefina da – UFJF – camila_cjs@yahoo.com
SILVA, Raquel Gonzalez Monteiro da – UFJF – raquelgonzalezjf@yahoo.com.br
PEREIRA, Brênia Lúcia Guimarães Loti – UFJF – breniapereira@hotmail.com

RESUMO: O processo de globalização tem suscitado uma série de questionamentos sobre seus impactos em todos os setores da atividade humana, e muito particularmente no setor educacional. O movimento freiriano vem assumindo, em todo o mundo, uma ampla discussão sobre esta polêmica questão. Por intermédio dessa movimentação, buscamos romper com as práticas pedagógicas oriundas dos velhos paradigmas, ainda fortemente presentes nos dias de hoje. Assim, adentrando os portões das escolas, bem como em seu escopo metodológico-pedagógico, percebemos o quão anacrônicos têm sido alguns de seus feitos e efeitos perante a sociedade. Para redimensionar nosso olhar, defendemos a emancipação de homens e mulheres, a ser alcançada se as escolas assumirem, de fato, a sua *vocação ontológica* como sujeitos da história. É a partir destes princípios que baseamos nosso estudo, refletindo sobre uma educação emancipadora e incluyente, uma educação libertadora, ou seja, uma educação utópica no sentido freiriano a partir do *inédito viável*, de um sonho humanizante possível.

Palavras-chave: Emancipação, Educação, Inclusão, Globalização

ABSTRACT: The globalization process has been causing many questions about its impact in all sections of human being activities, especially in the education section. The freiriano's movement has been taking on, worldwide, a great discussion about this controversial matter. Through this movement, we try to break with the pedagogic practices came from old paradigms, still present nowadays. Therefore, going into schools and its methodology-pedagogic process, we can check how anachronic have been some of its deeds and effects face to the society. To extend our look, we defend the men and women's emancipation, to be achieve if the schools really take on their ontological vocation as members of the history. It is from these principles that we base our study, reflecting about an education with emancipation and inclusion, an education for liberty, in other words, an utopist education in the freiriano's meaning from the *inédito viável*, related to a human possible dream.

Keywords: Emancipation, Education, Inclusion, Globalization

Ai daqueles e daquelas, que pararem com a sua capacidade de sonhar, de inventar a sua coragem de denunciar e de anunciar.

Ai daqueles e daquelas que, em lugar de visitar de vez em quando o amanhã, o futuro, pelo profundo engajamento com o hoje, com o aqui e com o agora, se atrelem a um passado, de exploração e de rotina. (FREIRE, citado por Brandão, 1983).

O Núcleo de Educação Especial (NESP) da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora desenvolve o projeto “Uma leitura crítica da Educação Especial a caminho da inclusão” desde agosto de 2003. Coordenado pelo Professor Doutor Carlos Alberto Marques, o referido projeto estuda a trajetória percorrida ao longo dos anos por aqueles que de alguma forma contribuíram e contribuem com o movimento contínuo de deslocamento das práticas excludentes para o que hoje se denomina inclusão. Neste cenário, Paulo Freire destaca-se como um dos mais importantes pensadores do século XX e em cuja obra encontramos uma riqueza imensa de orientações teórico-práticas na luta incessante de construção de um mundo mais humano, mais justo e mais democrático.

O período Atual é considerado uma marca paradigmática que busca romper com as práticas de exclusão, agravadas sobretudo pelo processo da globalização. Nesta perspectiva neoliberal, a sociedade valoriza mais a posse das coisas materiais, em detrimento do ser. Assim, entendemos que o mundo necessita de uma nova ordem que valorize o ser humano em sua vocação ontológica de ser sujeito da história e entenda a vida como um palco em constante (re)criação, onde homens e mulheres são os protagonistas dessa peça que se renova a cada dia.

Ao longo do processo histórico da civilização identificamos a intensa movimentação dos modos de ser, sentir, pensar e viver, o que tem provocado mudanças em toda a organização sócio-econômica-cultural e, conseqüentemente, aprofundado alguns “abismos” entre o homem e o mundo. Estas mudanças vêm sendo alcançadas através de formas muitas vezes escusas que a humanidade vem travando e que nos mostra a força do capitalismo - um regime que coloca o capital e o comércio em primeiro plano - girando em torno do lucro, estimulando a desigualdade, reforçando a diferença, impedindo que o oprimido tenha acesso à cultura, à educação de qualidade, à saúde; sendo a exclusão, ao invés da inclusão, uma marca desta sociedade.

A globalização, ao afirmar o mercado como regulador das relações sociais, reduz a responsabilidade do poder público em garantir os direitos sociais como educação, saúde, transporte, lazer, cultura, trabalho e todos os bens que dignificam os

sujeitos. A pedagogia de Paulo Freire nos faz compreender a forma violenta e excludente que assume a globalização quanto à supressão de direitos elementares, à ampliação das desigualdades e à precarização da vida da maioria dos cidadãos.

Nossas reflexões têm como referencial teórico-metodológico a identificação e caracterização das chamadas quebras de paradigmas. A vida caracteriza-se como um eterno movimento de transformação. Em determinados momentos estas transformações ocorrem de forma mais lenta, tornando a tomada de consciência das mudanças um pouco mais difícil. Em contrapartida, em outros momentos, o processo se intensifica em velocidade e complexidade, caracterizando o que denominamos uma crise paradigmática.

Destacamos, ao longo da história da civilização Ocidental, três grandes rupturas paradigmáticas: o evento Cristo, o Renascimento, e o momento Atual.

A presença de Cristo no planeta instaurou novas formas de leitura e de atitudes dos homens perante a vida. Cumpre ressaltar o duplo significado da figura de Cristo na concepção de mundo e, por conseguinte, na postura dos homens perante a vida. O primeiro significado de Cristo que emerge é o relativo à fé, ou seja, à religião. Não cabe, neste momento, debruçarmos sobre o significado do “Cristo Religioso”, mesmo porque ele se justifica por si só. Interessa-nos, sim, o significado do “Cristo Histórico”, cujas marcas foram fortemente impressas ao longo da História da Humanidade, principalmente com o advento do Cristianismo e de suas instituições de suporte organizacional, social, político, econômico e ideológico. A própria demarcação da História da Civilização Ocidental em “antes de Cristo (a.C)” e “depois de Cristo (d.C)” comprova essa importância. Foi a partir da consolidação e da expansão da Igreja Católica pelo mundo que se verificou essa grande mudança de paradigma, uma vez que a instituição igreja passou a atuar e a ter uma forte influência nos diversos setores da atividade humana. Esse poder foi tão fortemente exercido, principalmente nos séculos que demarcaram a Idade Média, que seus desdobramentos, de forma contundente, ainda hoje, interferem em muitas das principais decisões tomadas pelas pessoas – no plano individual –, por grupos e comunidades, estendendo-se, também, aos povos e nações.

O segundo momento foi marcado pelo Renascimento, como um complexo movimento de ressignificação dos valores e atitudes hegemônicos na Idade Média e a construção de um novo ideário instaurador da chamada Idade Moderna. Entre as inúmeras mudanças destacamos a substituição do paradigma teocêntrico pelo antropocentrismo. A não submissão às idéias religiosas fez o homem buscar outros

espaços e lançar-se como sujeito de sua própria história.

Finalmente, o momento Atual, caracterizado pela substituição do princípio do universal – principal marca do pensamento Moderno – pelo princípio da diversidade. O surgimento de questionamentos das idéias e práticas de marcação, dicotomização, enquadramento, trouxe à tona o conceito de diversidade. A diversidade sempre existiu, embora não tivesse sido trabalhada efetivamente nos períodos que antecederam a Idade Moderna. O que verificamos hoje é a desconstrução dos padrões, dos estereótipos e das marcações das diferenças. Consideramos esta crise a mais profunda e complexa de todas as já vividas no planeta, uma vez que rompe com as dicotomias que marcaram a Modernidade, instaurando uma nova atitude de respeito, reconhecimento e valorização das diferenças.

O advento do capitalismo, aflorado pelos ideais da Modernidade, provocou significativas mudanças nas relações econômicas e sociais; as quais não mais dão conta de explicar o momento presente e de responder às necessidades futuras. Nesta perspectiva, o neoliberalismo e a globalização econômica surgem como uma tentativa de superação da crise instalada neste período e cujos reflexos vêm sendo denunciados como uma nova máscara do Imperialismo econômico e político. Freire alerta para a “malvadeza” a que estamos expostos num mundo reificado, onde a “ética do mercado”, isto é, o que tem apenas a aparência de ética, na verdade é a perversidade da própria ética, que se sobrepõe à ética do respeito e do amor entre os homens:

O discurso da globalização que fala da ética esconde, porém, que a sua é a ética do mercado e não a ética universal do ser humano, pela qual devemos lutar bravamente se optamos, na verdade, por um mundo de gente. [...] Há um século e meio Marx e Engels gritavam em favor da união das classes trabalhadoras do mundo contra sua espoliação. Agora, necessária e urgente se fazem a união e a rebelião das gentes contra a ameaça que nos atinge, a da negação de nós mesmos como seres humanos submetidos à “fereza” da ética do mercado (FREIRE, 1996, p. 144-145).

O direcionamento político que os países economicamente mais fortes vêm dando ao processo de globalização nivela, segundo Freire (1996), “os patamares de deveres entre as distintas economias sem se considerarem as distâncias que separam os ‘direitos’ dos fortes e o seu poder de usufruí-los e a fraqueza dos débeis para exercer os seus direitos” (p. 143). Em suma, consideram-se apenas os interesses dos grupos hegemônicos que, em consonância com o capitalismo, não pretendem levar à coesão a

sociedade, mas, realçam as diferenças culturais, de classe social, de gênero, de raça, entre outras presentes numa sociedade heterogênea. Nessa perspectiva, os indivíduos aceitam a realidade tal qual se apresenta, dificultando uma percepção clara das armadilhas do sistema capitalista. Freire denomina este processo de “visão fatalista”. Nas suas palavras:

A ideologia fatalista, imobilizante, que anima o discurso neoliberal anda solta no mundo. Com ares de pós-modernidade, insiste em convencer-nos de que nada podemos contra a realidade social que, de histórica e cultural, passa a ser ou a virar ‘quase natural’. Frases como ‘a realidade é assim mesmo, que podemos fazer?’ ou ‘o desemprego no mundo é uma fatalidade do fim do século’ expressam bem o fatalismo desta ideologia e sua indiscutível vontade imobilizadora. (FREIRE, 1996, p. 21-22)

O pensamento freiriano nos faz refletir sobre as falsas transformações encaminhadas pela ordem opressora, as quais encobrem ideologias fatalistas e nos reduzem a objetos do puro fazer. O entendimento ingênuo somado à postura comodista constitui solo fértil para a intencionalidade do pensamento fatalista do opressor, que recusa, nega e desqualifica a ideologia libertadora e a valorização do outro com suas peculiaridades, tudo em função da manutenção do *status quo*.

A ideologia neoliberal trabalha para que a globalização seja entendida como algo natural e não como produção histórica. O discurso ideológico da globalização procura esconder o seu caráter segregacionista, propiciando o aumento da riqueza de uma minoria e fazendo crescer o contingente de *esfarrapados do mundo* (FREIRE, 1996).

Em linhas gerais, podemos dizer que o cenário educacional brasileiro tem passado por constantes adaptações aos ditames capitalistas. O que deveria servir como poderoso instrumento de emancipação de homens e mulheres, ao contrário, tem contribuído para a perpetuação do círculo vicioso social, ou seja, a classe trabalhadora a serviço de uma elite que dita regras.

Tudo isto afeta a política educacional, que está cada vez mais globalizada, marcada pela padronização da educação. Vale ressaltar que, mesmo com todas as transformações de cada sociedade, a globalização continua abrindo fronteiras para o binômio mercado/capital no sistema capitalista.

A educação, nos dias atuais, é tida como um dos maiores recursos de que se dispõe para se enfrentar essa nova ordenação do mundo. Por ela passam,

necessariamente, as possibilidades de manutenção ou de ruptura em relação aos paradigmas ora hegemônicos. Infelizmente, a educação tem se preocupado mais com a formação de competências do que com a formação do ser humano na sua plenitude. Que saberes e competências as escolas devem produzir? Regida por uma concepção mercadológica, a educação assume, cada vez mais, um caráter eminentemente empresarial. A escola, neste contexto, apenas transmite certas habilidades necessárias para se *competir* no mercado, graças ao *mérito e esforço individuais*. Cada indivíduo se torna o *único responsável* pelo seu sucesso ou fracasso, em decorrência das opções que fizer. Uma lógica que acaba isentando o Estado de suas responsabilidades, descompromissando-o do desenvolvimento de políticas públicas que possam, efetivamente, resolver os problemas sociais com a mesma agilidade/eficiência que dedica, por exemplo, a esfera da economia.

A concepção de Paulo Freire sobre emancipação torna visíveis as práticas onde o ser humano seja um sujeito participativo na construção de sua história, construindo uma educação libertadora, que busque a valorização da diversidade vivida e viabilize uma inclusão efetiva, oportunizando aos cidadãos uma mudança de postura.

Acreditamos na educação que viabiliza com o educando e não sobre ele um processo libertador. É importante que o educador e o educando estejam unidos na superação das situações-limite. A visão sectária, pelo seu fechamento, impede uma relação pedagógica mais radical para a superação das inúmeras contradições existentes no seio da *educação bancária*. “Parta de quem parta, a sectarização é um obstáculo à emancipação dos homens”. (FREIRE, 1983, p. 22)

O modelo de educação proposto por Paulo Freire diferencia-se substancialmente da educação tradicional, pois rejeita, dentre outras coisas, a relação dominadora. Seu pensamento pedagógico aponta para a comunicação como princípio que transforma o homem em sujeito de sua própria história através de uma relação dialética vivida na sua inserção na natureza e na cultura.

O ser humano humaniza-se, emancipa-se na medida em que percebe a sua incompletude no seu estar no mundo. Aquele que se vê pronto e acabado, parou de crescer. “A desumanização, que não se verifica, apenas, nos que têm sua humanidade roubada, mas também, ainda que de forma diferente, nos que a roubam, é distorção da vocação do SER MAIS.” (FREIRE, 1983, p. 30). Para que sejamos ou estejamos sendo, devemos levar em conta, sobretudo, o ser do outro, sem o qual nossa existência perde a sustentação fundamental que é ser com o outro, pelo outro. O sujeito no processo de

emancipação compreende a necessidade de buscar o ultrapassamento de seus próprios limites em um permanente movimento de superação de seus desafios constantes no seu cotidiano.

Cumprido ressaltar a formulação de Paulo Freire sobre a contradição existente entre a “educação bancária” e a por ele denominada “educação libertadora”. Sobre a concepção “bancária”, diz ele: “Na visão ‘bancária’ da educação, o ‘saber’ é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber.” (FREIRE, 1983, p. 67). Quanto mais adaptados, mais “educados”, porque adequados ao mundo. Sendo assim, o educador é o sujeito do processo e os educandos, meros objetos. Este modelo de educação anula ou minimiza o poder de criação dos educandos, estimulando sua ingenuidade e não sua criticidade. Dessa forma, funda-se num conceito mecânico, estático, e transforma os educandos em recipientes, em quase coisas. De acordo com Paulo Freire, essa concepção “não se deixa mover pelo ânimo de libertar o pensamento pela ação dos homens com outros na tarefa comum de refazerem o mundo e de torná-lo mais e mais humano”. (FREIRE, 1983, p. 74-75)

Já a educação libertadora supera a hierarquização na relação educadores *versus* educandos, afirmando a dialogicidade. Não seria possível à educação libertadora realizar-se como prática da liberdade fora do diálogo. Por intermédio deste, o educador não é apenas o que educa, mas o que, enquanto educa, é educado. Assim, ambos se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos.

Freire ressalta a necessidade de o homem entender sua vocação ontológica como ponto de partida para se construir uma consciência libertadora, isto é, o homem só chegará a consciência do seu contexto e do seu tempo na relação dialética e dialógica com a realidade, pois só desta maneira terá criticidade para aprofundar seus conhecimentos e tomar atitudes frente a situações desafiadoras.

Enquanto, na concepção “bancária” o educador vai “enchendo” os educandos de falso saber, que são conteúdos impostos, na prática libertadora, vão os educandos desenvolvendo o seu poder de captação e de compreensão do mundo que lhes aparece, em suas relações com ele, não mais como uma realidade estática, mas como uma realidade em transformação, em processo. (FREIRE, 1983, p. 82)

A concepção freiriana orienta o processo educacional no que se refere à reflexão crítica da prática pedagógica, que implica em saber dialogar, que supõe o respeito pelo saber do educando, valorizando a diversidade cultural. Hoje, mais que em

outras épocas, exige-se do educador uma postura alicerçada num processo permanente de reflexão que leve a resultados inovadores à educação.

O legado de Paulo Freire desperta a capacidade crítica e criadora dos homens e mulheres, estimulando a participação responsável nos processos culturais, sociais, políticos e econômicos. “[...] mais do que um ser no mundo, o ser humano tornou-se uma Presença no Mundo, com o mundo e com os outros.” (FREIRE, 1996, p. 18)

Paulo Freire reflete sobre a condição dos oprimidos, visualizando-os no centro do diálogo e favorecendo-lhes saberes fundamentais para que possam manter viva sua rebeldia contra uma educação bancária, na superação de qualquer forma de autoritarismo e opressão.

Não obstante ao poder manipulador da ideologia globalizante, homens e mulheres de todo o mundo já vivem uma espécie de mal-estar proporcionado pelo neoliberalismo. Mediante o espaço já ocupado por essa ideologia, a impotência dos mais fracos e os prejuízos que a educação vem sofrendo, percebe-se a necessidade urgente de uma transformação, nos campos educacional, político e econômico, para que ocorra uma reestruturação social. Freire (1996) diz que essa indignação com a atual situação levará a uma mudança de atitude por parte da sociedade, em que o discurso humanista, a crítica ao sistema vigente, o compromisso solidário e a denúncia da negação do homem como sujeito serão as nossas bandeiras de luta.

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade de libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. (FREIRE, 1983, p. 32).

De acordo com Paulo Freire, a educação para a diversidade pauta-se no respeito entre os sujeitos, baseando-se numa ética fundada na dignidade humana e no pluralismo cultural. Nesse sentido, faz-se necessário reinventar o saber da escola e, sobretudo, a formação do educador. A escola, como construção coletiva, é um espaço de todos e para todos.

Quando falamos das diferenças, referimo-nos ao reconhecimento, ao respeito e à valorização das características individuais e dos grupos nos quais os indivíduos estão inseridos. Nesta perspectiva é que a escola deve ser pensada: como

instância privilegiada e estratégica no processo de construção da cidadania por sujeitos críticos e autônomos.

Este é o sentido dado por nós ao termo inclusão: um “inédito viável”, um desafio que se nos apresenta como princípio ético... um sonho possível... uma convicção. A espera é inimiga da realização, assim como a expectativa da realização pelo outro é o berço da inoperância. Por isto, e com base na máxima freiriana de que “Ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1983, p. 79) é que dizemos: ninguém inclui ninguém; ninguém se inclui sozinho; a inclusão decorre da união de todos na luta por uma sociedade mais justa e mais solidária.

Comprometer-se com essa nova concepção de mundo, de sociedade, de homem e de educação, significa empunhar a bandeira da luta pela vida. O homem nasceu para a vida e é sua vocação estar comprometido com ela, refletindo sobre sua existência e sobre suas ações no e com o mundo para humanizá-lo cada vez mais.

Está lançado o desafio. Se fomos capazes de construir o mundo nos moldes como ele se apresenta hoje: injusto, cruel, desigual, somos também capazes de ressignificá-lo, dando-lhe uma outra configuração, fundada na justiça, na solidariedade e no respeito às diferenças. A inclusão é o caminho a ser construído e o papel de cada um de nós é o de nos colocarmos neste empreendimento como caminhantes, ou seja, como sujeitos da construção e da transformação da realidade na qual vivemos.

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **O educador**: vida e morte. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 14^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.